Dia 9 — A Dominica infraoitava da Epifania

Na oitava da Epifania sempre concorre por necessidade um domingo, que não se pode fixar a dia determinado do mês, porque todos os anos muda. Por isso esta meditação servirá para o dia em que concorrer o domingo, e as antecedentes se colocarão nos dias que lhes corresponderem.

Diz Santo Agostinho, no sermão terceiro da sexta-feira depois da Páscoa, que Cristo foi batizado num domingo, que num domingo fez o primeiro milagre; e nota o santo que neste primeiro dia da semana fez o Senhor as maiores maravilhas. Considera, diz Santo Agostinho, quão digno de nossa veneração é este dia do Senhor. Num domingo foi criada a luz; num domingo passaram os israelitas o Mar Vermelho a pé enxuto; num domingo caiu pela primeira vez o maná para alimentar o povo no deserto; num domingo foi batizado o Salvador no Jordão; num domingo converteu a água em vinho nas bodas de Caná; num domingo fez o milagre dos cinco pães, com que sustentou os cinco mil homens; num domingo ressuscitou; num domingo apareceu no meio de seus discípulos estando as portas fechadas; num domingo desceu o Espírito Santo sobre os apóstolos; e num domingo será o dia do juízo universal, como todos esperamos.

Eis aqui títulos de sobra para que este dia do Senhor seja venerável a todos os fiéis. Que outras razões são necessárias para que todos o santifiquem? É dia privilegiado; é dia em que cessa todo trabalho servil; mas este não é o único objeto da lei. Para santificar este dia do Senhor, devem concorrer muitos atos positivos de piedade e de religião. É o domingo, por sua instituição e seus mistérios, o dia mais santo e o mais respeitável de todos os dias; mas, nestes tempos, segundo faz a maior parte dos cristãos, é o que mais se santifica e o que mais se respeita?

A este domingo que cai na oitava dos reis chamavam os gregos o domingo depois das santas candelas. A epístola que nele se canta é a mesma que já se cantava antes de Carlos Magno. É de São Paulo aos Romanos, na qual os exorta a fazerem de seu corpo uma hóstia viva, santa e agradável a Deus pelo exercício das virtudes cristãs; a guardarem-se das máximas do mundo, a serem homens espirituais, a reprimirem todo sentimento de orgulho e de vaidade, regrando seus desejos e pensamentos pelas máximas do Evangelho; enfim, a manterem-se todos unidos pelos vínculos de uma mútua caridade e a conservarem-se na boa ordem que manda a lei, esforçando-se cada um por cumprir suas obrigações.

O evangelho da missa, que já se cantava também no século VII, é a viagem que fez o menino Jesus a Jerusalém no tempo da Páscoa.

Seu pai e sua mãe iam três vezes cada ano a Jerusalém para cumprir o que a lei ordenava, a saber, que todos os judeus que estivessem na Palestina fossem regularmente a Jerusalém nas três festas

principais do ano, que eram a solenidade da Páscoa, que se celebrava em memória da saída do Egito e da libertação do cativeiro do Faraó; a de Pentecostes, que se solenizava em memória da lei que se deu a Moisés cinquenta dias depois da saída do Egito; e a festa dos Tabernáculos, chamada por outro nome *Cenopégia*, instituída em memória de os israelitas terem habitado debaixo de tabernáculos, ou tendas de campanha, enquanto andaram pelo deserto. Celebrava-se no dia 15 de setembro, que se chamava Tisri, e durava oito dias, sendo o último o mais solene de todos.

Não se sabe com que idade começou a ir a Jerusalém o menino Jesus, que não perdia ocasião de honrar seu pai e sua mãe. Só se sabe, não sem admiração, que, não tendo mais que doze anos, empreendeu a viagem de Nazaré a Jerusalém, que era, pelo menos, caminho de trinta léguas. Já os romanos haviam despojado do reino o cruel e bárbaro Arquelau; pelo que julgaram Maria e José que o divino Infante não corria perigo, ainda que fosse com eles. Mas, embora já não tivessem que temer da parte de seus inimigos, nem por isso lhes faltaram inquietações e cuidados. Raras vezes perdiam de vista o seu querido filho, a quem tão ternamente amavam; mas o menino, logo que acabou a festa e seus pais cumpriram a sua devoção, afastou-se deles sem lhes falar palavra.

Em vez de segui-los quando voltavam para Nazaré, ficou em Jerusalém; e o fez tão secretamente que não entraram em cuidado até depois de um dia de jornada. Essa aparente inadvertência não foi esquecimento de um filho que amavam mais que a sua alma; antes foi efeito do elevadíssimo conceito que tinham formado de sua sabedoria divina. Desde logo se persuadiram de que se teria separado deles para misturar-se à tropa dos demais caminhantes, por motivos superiores que não lhes cabia examinar. Buscaram-no pela noite entre os parentes, amigos e conhecidos; e, não achando razão nem notícia dele, é fácil considerar o cuidado e a dor que penetraria seus amantes corações.

Resolveram voltar imediatamente a Jerusalém, persuadidos de que, pois não estava com eles, o achariam no templo. Com efeito, ao cabo de três dias o encontraram nele, sentado entre um grupo de doutores em uma das galerias ou corredores que se estendiam ao redor do próprio templo, onde costumavam reunir-se os doutores da lei. Ali estava o divino menino ensinando os mestres com o que lhes perguntava, com o que lhes respondia e com sua modéstia e sua humildade. Ouvia-os e lhes fazia perguntas como se tivesse necessidade de aprender. Quando falava, a todos admirava sua prudência, sua eficácia, o acerto de suas respostas e a solidez de seus discursos.

Surpreenderam-se agradavelmente São José e a santíssima Virgem quando o acharam numa assembleia tão autorizada; e a mãe, que lhe falava com alguma maior liberdade e confiança, disse-lhe com uma queixa amorosa: Filho meu, como fizeste isto? Pois não sabias que teu pai e eu te haveríamos de andar buscando com muita dor e pena? A resposta de Jesus a essa amorosa queixa não foi sem mistério. Que necessidade tínheis de assustar-vos, nem tampouco de andar-me buscando? Não podíeis saber que naturalmente estaria ocupado em alguma coisa do serviço de meu Pai? Como se dissesse: Não tivestes razão para entrar em tanto cuidado acerca de minha pessoa, sabendo, como sabeis, quem sou eu, qual é o fim de minha vinda e a santidade de meu ministério. Não ignorais que devo ser o modelo da perfeição e, consequentemente, que devo fazer uma vida toda nova, toda consagrada a Deus, inteiramente desprendida da carne e do sangue, uma vida toda divina; que a glória de meu Pai deve ser o único objeto de minhas ações, a única regra de minha conduta; e assim, em meio ao amor e aos respeitos com que vos olho, tudo deve

ceder às suas ordens e à sua divina vontade.

Maria e José não replicaram palavra, e reconheceram que não haviam compreendido o mistério quando se afligiram tanto com sua ausência. Saiu do templo o menino Jesus e veio com seus pais para Nazaré, onde viveu retirado e desconhecido, sem que se saiba em particular coisa alguma das grandes ações de virtude que praticou. Só quis que se soubesse que professou sempre uma rendida obediência a Maria e a José, para dar-nos a entender a excelência dessa importante virtude, que compreende todas as demais. É humilde, é mortificado, é piedoso, é constante quem é verdadeiramente obediente.

Acrescenta o evangelho que, conforme ia crescendo em idade, ia também crescendo em graça e em sabedoria. É certo que sua alma, infinitamente santa e infinitamente sábia pela união com a pessoa do Verbo, não podia crescer mais nem em sabedoria nem em graça; mas quis dar essa bela, essa importante lição e documento às pessoas que tratam de virtude, advertindo-as de que cada dia devem ir aproveitando, adiantando e crescendo em graça e em virtude diante de Deus e dos homens; porque o conservar-se sempre numa mediocridade, quando cada dia são maiores os auxílios, degenera logo em tibieza, da qual se passa ao costume; e, no caminho do céu, quem não avança anda para trás. Virtude que não faz progressos é como árvore que não cresce, e ao cabo se seca.

Não é maravilha que não se encontre Jesus Cristo entre a multidão, porque Deus não se acha no tumulto nem na multidão, a menos que o mesmo Senhor nos meta nela; e mesmo então é preciso que cada um fabrique uma espécie de retiro ou de recolhimento interior, vivendo dentro de si mesmo se quer saborear a Deus. Puramente pela maior glória de Deus deixou Cristo seus pais para voltar ao templo. É semelhante o motivo que nos faz aparecer tão raras vezes, e sempre com tão pouco respeito, em nossas igrejas? É a glória de Deus a que se busca naqueles projetos ambiciosos, naqueles jogos, naquelas diversões, naquelas vaidades em que se costumam passar os domingos e os demais dias de festa? O Salvador nos ensinou muito claramente com seus exemplos; nós não ignoramos o que devemos fazer; que dor, que remorso padeceremos algum dia por não termos feito o que devíamos!

São Juliano e Santa Basilissa, Mártires

A vida admirável destes dois célebres heróis da religião cristã, com as assombrosas particularidades que ocorreram no martírio de São Juliano, fizeram sua memória recomendável em todo o orbe cristão. Nasceu este na cidade de Antioquia, metrópole da Síria, de pais mais distintos por sua piedade que pela nobreza de seu sangue, os quais aplicaram seus desvelos em dar-lhe uma educação cristã, facilitando seus desejos, mais que tudo, o seu belo natural e sua inclinação ao bem. Aplicado ao estudo das ciências humanas, como era dotado de extraordinários talentos, fez nelas maravilhosos progressos, e maiores nas dos santos. Aos dezoito anos pensaram seus pais

em dar-lhe estado de matrimônio, golpe muito sensível para Juliano, já ligado com voto de castidade. Diante das repetidas instâncias para que se declarasse, recorreu a Deus por meio da oração, do jejum e da penitência, suplicando-lhe que se dignasse dispor as coisas de modo que, sem incorrer na nota de desobediente, pudesse conservar a virtude prometida, tão agradável a seus divinos olhos. Ouvida sua petição, revelou-lhe o Senhor que condescendesse com a vontade de seus pais, sob a garantia de que não perderia a virgindade, antes com seu exemplo a guardaria a esposa que com ele contraísse, servindo o de ambos para que outros os imitassem.

Tendo dado seu assentimento, desposou-se com uma donzela cristã chamada Basilissa, muito apreciável por todas as suas circunstâncias; a qual, sentindo na primeira noite do matrimônio um odor extraordinário no aposento de seu retiro, perguntou a Juliano de onde provinha aquela fragrância em tempo de inverno, que não o era de flores. Não é o que percebes, respondeu o santo, originado da estação; é, sim, de Jesus Cristo, que recreia com esses sinais os amantes da castidade, por mim prometida, no caso de que consintas em observar uma virtude tão apreciável, para que, vivendo castos como irmãos, sejamos dignos vasos onde derrame seus dons o Espírito Santo. Condescendeu Basilissa com a proposta, acrescentando que era sua vontade professá-la, para merecer a coroa que o Senhor tem prometida às virgens. Jesus e sua santíssima Mãe, acompanhados dos coros angélicos, deram-lhes parabéns na mesma noite por uma resolução tão heroica.

Mortos os pais de ambos, distribuíram entre os pobres necessitados suas vultosas heranças; com o que não satisfeitos, determinaram viver separados em distintos domicílios, para exercer o ofício de mestres de educação cristã com as pessoas de seus respectivos sexos, conseguindo por esse meio aumentar consideravelmente o rebanho de Jesus Cristo.

Corria naquele tempo a cruel perseguição que suscitaram contra a Igreja os imperadores Diocleciano e Maximiano, inconciliáveis inimigos dos cristãos, cuja tempestade sangrenta procuravam os santos aplacar com orações contínuas, jejuns e penitências, rogando ao Senhor particularmente pelos que viviam sob sua direção, empregados em seu santo serviço, a fim de que, assistindo-os com seus soberanos auxílios, não desmaiassem nos vivos desejos de derramar o sangue por Jesus Cristo. Ouvida essa súplica de Basilissa, manifestou-lhe Deus que, em prêmio de sua castidade, morreria naturalmente com suas discípulas, mas que seu esposo padeceria grandes tormentos, triunfando gloriosamente dos inimigos da religião. Cumpriu-se assim, com efeito, a primeira parte da revelação em espaço de seis meses; e Juliano, dando sepultura ao venerável corpo de sua esposa, orou sobre ela por algum tempo.

Veio como lugar-tenente dos referidos príncipes à capital de Antioquia Marciano, homem bárbaro e cruel, tão zeloso do culto de seus deuses que mandou que ninguém pudesse comprar ou vender, mesmo as coisas necessárias para conservar a vida, sem adorar primeiro os ídolos; maliciosa cautela e diabólico pensamento, que em forma de ordenança mandou afixar em todos os lugares públicos do departamento de seu governo. Informado dos progressos de Juliano, enviou seu assessor para que o persuadisse a obedecer aos decretos imperiais. Achava-se então o santo na igreja com muitas pessoas eclesiásticas e seculares refugiadas nela por temor da perseguição, animando-as a padecer por amor de Jesus Cristo. Soube que o procuravam por ordem do presidente e, apresentando-se ao comissionado, depois de uma longa conferência, respondeu-lhe

que nem ele nem os seus obedeceriam jamais a tão injustos mandatos, visto que os sacrifícios e adorações só eram devidos ao verdadeiro Deus, não aos falsos representados nos ídolos. Sentiu Marciano tanto a resposta que, inflamado em cólera, mandou imediatamente atear fogo ao templo, onde ficou abrasada a ilustre comitiva oferecida em sacrifício ao Senhor, o qual, para comprovar quão agradável lhe foi aquele holocausto, fez que por muitos anos se ouvisse uma celestial música no lugar, na hora das horas canônicas.

Conduzido Juliano à presença do tirano, solicitou este reduzi-lo a seus intentos por meio de vantajosas promessas e terríveis ameaças, até que, vendo inúteis todos os seus esforços, mandou que o açoitassem com varas nodosas. Perdeu um olho um dos verdugos na execução, à violência de um golpe, e, advertindo-o o santo, disse a Marciano que reunisse seus sacerdotes para que fizessem sacrifícios e preces a seus deuses a fim de que restituíssem o olho perdido ao miserável, prometendo-lhe que, quando não o conseguissem, ele o faria, com a vantagem de iluminar além disso sua alma. Condescendeu com a proposta o presidente, mas foram ineficazes todas as suas súplicas e sacrifícios, que apenas tiveram o efeito de que os demônios clamassem desde os ídolos, pedindo que os deixassem, manifestando-lhes que se haviam acrescentado suas penas desde a prisão de Juliano; o qual, zombando do poder daquelas divindades quiméricas, com a invocação do santo nome de Jesus Cristo restituiu-lhe o olho tão perfeitamente como se nunca o tivesse perdido. O mais digno de admiração no caso foi a iluminação da alma do agraciado, que começou a publicar que o benefício era devido ao Deus verdadeiro, em quem Juliano cria, só digno de adoração pelos homens; por cuja confissão mandou o tirano tirar-lhe a vida imediatamente. E, atribuindo o prodígio à arte mágica, de que eram acusados os cristãos em semelhantes operações maravilhosas, providenciou que, amarrado o santo com duras prisões, fosse levado pelas ruas da cidade, publicando adiante o pregoeiro: « Assim devem ser tratados os inimigos dos deuses e desprezadores dos decretos dos imperadores. »

Tinha Marciano um só filho chamado Celso, que saiu do estudo com outros jovens a ver o espetáculo e, percebendo que acompanhava Juliano uma multidão de anjos em ademã de coroá-lo, sem poder contê-lo seus mestres, lançou-se aos pés do santo, protestando que queria ser seu sócio nos tormentos para sê-lo na glória, que tocava com seus próprios olhos, clamando publicamente que havia sido enganado por seus pais quando lhe ensinaram a maldizer a Jesus Cristo. Chegaram ambos à presença do tirano, que rasgou suas vestes de sentimento vendo a inesperada novidade, atribuindo ao encanto de Juliano aquele engano.

Não se podem explicar facilmente os esforços que Marciano fez com Marcionila, sua mulher, e outras matronas para reduzir Celso, o qual, já iluminado com a luz do céu, respondeu ao pai não como menino, mas como sábio consumado, nos seguintes termos: A rosa não perde seu odor nem formosura por nascer entre os espinhos, nem estes deixam de picar e ferir: faze o ofício de ferir como espinho, que eu darei como rosa um bom odor, sem temor pela vida temporal. Os que por esta temem poderão obedecer aos decretos imperiais, mas não eu, que pretendo alcançar uma vida eterna. Ó Marciano! tu, pela cega paixão dos falsos deuses, poderás negar-me por filho porque sou cristão; mas sei que não te faço injúria antepondo a teu amor o do Deus verdadeiro, pois, por não ser cruel contra mim, não sou piedoso contigo.

Fora de si o tirano ao ouvir essa resposta, mandou que seu próprio filho fosse encerrado num escuro e asqueroso calabouço; mas, convertendo o Senhor num lugar de delícias a imundície daquele lugar, com uma brilhante claridade que desceu do céu, contribuiu esse prodígio para a conversão de vinte soldados designados para sua custódia. Vieram por disposição divina visitar os santos confessores sete cavaleiros cristãos com um sacerdote chamado Antônio que, informado do sucesso, batizou os convertidos.

Soube o desumano presidente o ocorrido e, não se resolvendo a tomar por si alguma providência, deu parte do negócio, com relação de todas as circunstâncias, aos imperadores, os quais mandaram atormentar Juliano com sua comitiva em cubas acesas com espécies combustíveis. Para a notificação de semelhante providência, mandou o tirano conduzi-los a seu tribunal, formado na praça da cidade, por onde, no momento de tratar o assunto, passavam os gentios para enterrar um defunto, e, dizendo a Juliano em tom de mofa que o ressuscitasse, executou este o milagre para maior glória de Deus e confusão dos idólatras. Ficou assombrado Marciano à vista do prodígio, e mais quando ouviu o ressuscitado publicar que eram demônios os deuses que adoravam os gentios nas estátuas, e só verdadeiro Deus aquele a quem os cristãos davam culto. Não suficientes para abrandar a dureza de coração daquele bárbaro semelhantes maravilhas, mandou prender o ressuscitado, chamado Atanásio, a fim de que morresse no mesmo tormento; cuja execução cometeu a um vigário seu, por não ver falecer nele seu próprio filho. Incluíram os verdugos em trinta e três cubas acesas os trinta e três santos, que entraram nelas dando ao Senhor repetidas graças porque os fazia dignos de padecer por seu amor, e das quais saíram sem lesão alguma, mais puros que o ouro no crisol.

Não obstante tão assombroso prodígio, mandou o tirano levá-los de volta à prisão, dispondo que sua mulher fosse lá para persuadir Celso; em cuja diligência, postos em oração os santos, suplicaram ao Senhor que se dignasse iluminá-la. Sucedeu assim, com efeito, em vista de um brilhante resplendor que iluminou a escuridão do calabouço e de uma fragrância extraordinária que sentiu a mãe, ouvindo no mesmo lugar celestiais vozes que a convidavam a alcançar os eternos prêmios quando cresse em Jesus Cristo: como o fez, batizando-a o sacerdote Antônio, e servindo de padrinho seu próprio filho.

Não cabe em ponderação a ira que concebeu o bárbaro logo que soube o ocorrido novamente com sua mulher e, inflamando-se em cólera, mandou degolar imediatamente os vinte soldados convertidos e os sete cavaleiros ditos, deixando apenas Juliano, o filho, a mulher, Antônio, presbítero, e Atanásio ressuscitado, para tratar mais devagar um assunto em que lutava a ira com o amor natural.

Persuadido o tirano de que com brandura poderia conseguir dos santos o que não conseguiu por tormentos, conforme havia experimentado, mudando de tom falou a Juliano com fingido afago, dizendo-lhe que reconhecesse e sacrificasse aos deuses protetores do império. Condescendeu o santo com a proposta, contanto que ordenasse que assistissem a seu sacrifício todos os sacerdotes gentios e os cidadãos, para que fossem testemunhas, o que executou Marciano sem a menor demora, lisonjeando-se de já ter reduzidos os mártires. Havia em Antioquia um magnífico templo dedicado a Júpiter, Jano e Minerva, no qual ordenou que preparassem os gentios vítimas especiais para o ato; mas, fazendo oração Juliano com sua comitiva, arruinou-se aquela grande fábrica e

caíram por terra as estátuas, reduzidas a miúdos pedaços, com admiração de todos os circunstantes.

Cheio de confusão o presidente, sem saber o que fazer no caso desesperado, sentenciou à degola Juliano, às chamas seu filho, a que se arrancassem os olhos com garfos a Antônio e Atanásio e aos tormentos do potro sua mulher. Mas o Senhor dispôs, para maior glória sua, que ficassem cegos os verdugos e secos os seus braços. Não se abrandando com esses prodígios o coração daquele bárbaro, ordenou que lançassem os mártires ao anfiteatro público, onde fossem pasto das feras, as quais, esquecendo-se de sua condição, prostradas aos pés dos santos com grande mansidão, deram as provas de veneração que lhes negavam os homens; em vista do que, convencido Marciano da ineficácia de seu poder e faculdades, por último recurso mandou degolá-los, alcançando por esse meio os nossos santos a coroa do martírio no dia 9 de janeiro do ano 306.

Nessa execução sucedeu o prodígio de converter-se o sangue dos mártires numa massa branca como a neve, repetindo o Senhor outro de não menor momento, para que os cristãos pudessem livremente sepultá-los, e foi o de um terremoto formidável, que arruinou a maior parte da cidade, com morte de muitos pagãos que fugiam do povoado intimidados à vista de semelhantes castigos, os quais foram ainda insuficientes para o reconhecimento do presidente bárbaro, que faleceu pouco depois, comido de vermes.

Martirológio Romano

Em Antioquia, a festa de São Juliano, mártir, e de Santa Basilissa, virgem, sua mulher, que passaram a uma vida mais ditosa sob os imperadores Diocleciano e Maximiano. Basilissa, tendo guardado a virgindade com seu marido, terminou tranquilamente seus dias. Mas Juliano, depois que foram martirizados pelo fogo um grande número de sacerdotes e ministros da Igreja que se haviam refugiado em sua casa para evitar a crueldade da perseguição, sofreu tormentos muito rigorosos e foi decapitado por decreto do presidente Marciano. Sofreram com ele a morte Antônio, presbítero; Anastásio, a quem Juliano ressuscitou e fez participante da graça de Jesus Cristo; Celso, menino, e Marcionila, sua mãe, com sete irmãos e muitos outros de seus companheiros.

Na Mauritânia Cesariense, Santa Marciana, virgem, que chegou à glória do martírio tendo sido exposta às feras.

Em Esmirna, os santos mártires Vital, Revocato e Fortunato.

Na África, os santos Epicteto, Jucundo, Segundo, Vital, Félix e outros sete santos mártires.

Em Sebaste, na Armênia, São Pedro, bispo, irmão de São Basílio Magno.

Em Ancona, São Marcelino, bispo, que com o socorro de Deus preservou essa cidade de um grande incêndio, segundo escreve São Gregório.

Missa (oração)

A missa é da dominica infraoitava da Epifania, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Vota, quæsumus, Domine, supplicantis populi cælesti pietate prosequere: ut et quæ agenda sunt, videant; et ad implenda quæ viderint convalescant. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que recebais com vossa costumada piedade as orações e os desejos de vosso povo, para que conheça o que deve fazer para vos agradar e se anime a executar o que tiver conhecido. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é de São Paulo aos Romanos, capítulo 12.

Romanos 12,1-5

> **Latim:** [1] Obsecro itaque vos fratres per misericordiam Dei, ut exhibeatis corpora vestra hostiam viventem, sanctam, Deo placentem, rationabile obsequium vestrum. [2] Et nolite conformari huic sæculo, sed reformamini in novitate sensus vestri : ut probetis quæ sit voluntas Dei bona, et beneplacens, et perfecta. [3] Dico enim per gratiam quæ data est mihi, omnibus qui sunt inter vos, non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem : et unicuique sicut Deus divisit mensuram fidei. [4] Sicut enim in uno corpore multa membra habemus, omnia autem membra non eumdem actum habent : [5] ita multi unum corpus sumus in Christo, singuli autem alter alterius membra.

Português: [1] ASSIM que pela misericordia de Deos vos rogo, irmãos, que ofereçais os vossos corpos como huma hostia viva, santa, agradavel a Deos, que he o culto racional que lhe deveis. [2] E não vos conformeis com este secular, mas reformai-vos em novidade do vosso espírito: para que experimenteis qual he a vontade de Deos, boa, e agradavel, e perfeita. [3] Porque pela graça que me foi dada, digo a todos os que estão entre vós: Que não saibão mais do que convem saber, mas que saibão com temperança: e cada hum conforme Deos lhe repartio a medida da fé. [4] Porque da maneira que em hum corpo temos muitos membros, mas todos os membros não tem huma mesma função: [5] assim ainda que muitos, somos hum só corpo em Christo, e cada hum de nós membros huns dos outros.

Nota

« Achando-se o Apóstolo em Corinto para passar a Jerusalém, escreveu esta carta aos romanos; isto é, principalmente aos gentios convertidos, porque já havia em Roma um grande número de cristãos cuja fé era muito conhecida em todo o mundo. Escreveu-se esta carta por volta do ano 58 de Jesus Cristo e, embora tenha sido posterior a muitas outras, deu-se-lhe o primeiro lugar entre todas, ou pela importância de suas instruções, ou em atenção à cidade de Roma, que sempre foi respeitada como o centro da religião. »

Reflexões

Se nosso corpo deve ser hóstia viva, santa e agradável a Deus, qual deve ser a sua pureza? Nada irrita tanto a ira de Deus como uma vítima suja e asquerosa. Podemos oferecer nossos corpos a Deus sem temor, e é cristão, é racional o nosso culto quando lhe apresentamos um corpo asquerosamente manchado pelo pecado?

Não vos conformeis com este mundo, diz o Apóstolo. Não há coisa mais oposta ao espírito e às máximas de Jesus Cristo do que as máximas e o espírito do mundo. Conformar-se com ele é renunciar à moral do Evangelho, é seguir o caminho espaçoso que guia à perdição. E que outro caminho segue a maior parte das pessoas do século? A quem se procura imitar no mundo? Que lei se segue? Que máximas se aprendem? Aquelas pessoas ambiciosas e vãs, aquelas almas terrenas e sensuais, aquelas vítimas de suas próprias paixões seguem porventura a doutrina de Jesus Cristo? São da mesma religião que os santos? Servem a um mesmo Senhor, a um mesmo Deus? E não há motivos de sobra para fazer essas perguntas?

E que terão que responder as pessoas mundanas a quem quer que as faça?

Reformai-vos, prossegue o Apóstolo, embebendo-vos em máximas, em princípios inteiramente novos e contrários aos que até aqui seguistes. Pergunto: não será já tempo de fazê-lo? Para que queremos esperar para empreender essa reforma? Poder-se-á dizer que a começamos muito cedo, quando já deveria estar acabada? É possível que eternamente tenhamos de estar dizendo que temos necessidade de reformar-nos e que jamais tenhamos de dar uma prova de que estamos reformados? Oh, que coisa tão terrível é morrer só com o plano, com o projeto, com a ideia de reforma!

Mas, se cremos que não necessitamos dela, o Apóstolo nos desmente, declarando-nos que vivemos muito enganados se presumimos tão vantajosamente de nós mesmos. Ah, essas paixões tão vivas, esse amor-próprio tão dominante, essas imperfeições tão grosseiras, essas quedas tão frequentes não são o maior elogio nem a maior recomendação de nossa virtude! Ah, que desonram muito o corpo místico de Jesus Cristo, de quem somos membros! É a inocência e a piedade num cristão o que a razão no homem. Não é conselho, mas preceito, que sejamos absolutamente santos. Sê-lo

mais ou sê-lo menos pode ser conselho; mas sê-lo absolutamente é preceito rigoroso.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Lucas.

Lucas 2,42-52

> **Latim:** 42 Et cum factus esset annorum duodecim, ascendentibus illis Jerosolymam secundum consuetudinem diei festi, 43 consummatisque diebus, cum redirent, remansit puer Jesus in Jerusalem, et non cognoverunt parentes ejus. 44 Existimantes autem illum esse in comitatu, venerunt iter diei, et requirebant eum inter cognatos et notos. 45 Et non invenientes, regressi sunt in Jerusalem, requirentes eum. 46 Et factum est, post triduum invenerunt illum in templo sedentem in medio doctorum, audientem illos, et interrogantem eos. 47 Stupebant autem omnes qui eum audiebant, super prudentia et responsis ejus. 48 Et videntes admirati sunt. Et dixit mater ejus ad illum : Fili, quid fecisti nobis sic ? ecce pater tuus et ego dolentes quærebamus te. 49 Et ait ad illos : Quid est quod me quærebatis ? nesciebatis quia in his quæ Patris mei sunt, oportet me esse ? 50 Et ipsi non intellexerunt verbum quod locutus est ad eos. 51 Et descendit cum eis, et venit Nazareth : et erat subditus illis. Et mater ejus conservabat omnia verba hæc in corde suo. 52 Et Jesus proficiebat sapientia, et ætate, et gratia apud Deum et homines.

Português: 42 E quando teve doze annos, subindo elles a Jerusalém segundo o costume do dia da festa, 43 e acabados os dias que ella durava, quando voltárão para casa, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o advertissem. 44 E crendo que elle viria com os da comitiva, andarão caminho de hum dia, e o buscavão entre os parentes e conhecidos. 45 E como o não achassem, voltárão a Jerusalém em busca d'elle. 46 E aconteceu que tres dias depois o achárão no templo assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e fazendo-lhes perguntas. 47 E todos os que o ouvião, estavão pasmados da sua intelligencia, e das suas respostas. 48 E quando o virão se admirárão. E sua mãe lhe disse: Filho, porque usaste assim commosco? sabe que teu pai e eu te andavamos buscando cheios de afflicção. 49 E elle lhes respondeo: Para que me buscaseis? não sabieis que importa occupar-me nas cousas que são do serviço de meu Pai. 50 Mas elles não entenderão a palavra, que lhes disse. 51 E desceo com elles, e veio a Nazareth: e estava á obediencia d'elles. E sua mãe conservava todas estas palavras no seu coração. 52 E Jesus crescia em sabedoria, e em idade, e em graça diante de Deos, e dos homens.

Meditação

Que Deus deve ser preferido a tudo o que foi criado

Primeiro ponto

Considera quem é Deus, o que Deus fez por ti, o que merece que faças tu por ele; e julga depois se há alguma criatura que possa disputar a preferência ao amor de Deus. É Deus soberano criador, soberano dono, que nos criou para si e não podia criar-nos para outro. Em suas mãos está nossa vida; ele é árbitro de nossa sorte; devemos-lhe tudo o que temos, tudo o que somos; é nosso pai, nosso juiz, nosso rei; dele depende a nossa felicidade ou a nossa infelicidade eterna. Que te parece? Este grande Deus merecerá ser preferido a tudo o que foi criado? Teremos outro dono a quem contemporizar, nem a quem temer mais que a ele? E, com tudo isso, coisa estranha, parece que não há outro a quem menos contemporizemos nem a quem menos temamos. Contemporiza-se não poucas vezes com um parente, com um amigo e até com um criado de quem se espera receber algum serviço; mas, ao ver a pouca atenção que se tem em agradar a Deus, ao notar o nenhum cuidado que costuma dar o desagradá-lo e até o ofendê-lo, há sobrada razão para dizer que a maior parte do tempo não se faz mais caso de Deus do que se não existisse.

E não se pense que somente fazem inclinar a balança os postos eminentes, as paixões violentas, as grandes fortunas; quantas vezes uma leve inclinação, um vilíssimo interesse, nosso amor-próprio, um ridículo respeito humano conseguem essa preferência e podem mais que a nossa obrigação! E com tudo isso presumimos de homens de razão e de religião? Bela prova, por certo, de uma e de outra é a conduta que temos em ponto tão essencial. Ó meu Deus, e quantas vezes preferi eu meus gostos, meus interesses, meus amigos a todos os vossos preceitos! Grande dor ver-me na triste precisão de confessar essa verdade! Mas que importaria que eu a dissimulasse, se minha consciência a publicaria aos gritos? Não, Senhor, não posso desmenti-la; mas, enquanto ela me está acusando, vede, ouvi, Senhor, o que vos diz o meu coração.

Segundo ponto

Considera que injustiça, e até que impiedade, é preferir a criatura ao Criador. Quem negará que o coração exercita então uma espécie de idolatria? Que horror, que indignação não concebemos contra aqueles pérfidos, contra aqueles ingratos judeus que preferiram Barrabás ao Salvador do mundo? E que outra coisa fazemos nós? Mas que digo? Ainda a fazemos muito pior; pois, conhecendo-o e fazendo profissão de conhecê-lo, sacrificamo-lo a um vil interesse, a um respeito humano.

Não há sombra de razão que possa jamais autorizar tão indigna preferência. Que pais houve ou haverá mais amáveis nem mais respeitáveis que Maria e José? Que filho houve ou haverá que mais respeitasse e amasse a seus pais que o Salvador? Com tudo isso, logo que se atravessa a glória de Deus, logo que se trata de fazer a vontade de seu Pai celestial, não delibera um momento: separa-se deles, deixa-os partir e se retira ao templo. Oh, quantos filhos desgraçados há no mundo por terem sacrificado a sua salvação aos interesses de sua casa ou à vã condescendência com seus parentes! Não sabíeis vós que eu devia ocupar-me nas coisas que tocam a meu Pai? Esta é a

generosa resposta que devemos dar a esses tentadores perigosos e importunos, a essas solicitações artificiosas, a essas falsas ternuras da carne e do sangue, a tudo o que nos induz a preferir a criatura ao Criador, o gosto à obrigação e o servo ao soberano dono.

Não sabíeis vós? Com efeito, este é um dos primeiros princípios de nossa religião. Até a própria luz da razão dá a conhecer a espantosa injustiça dessa indigna preferência. Quê! Deus em concorrência com uma criatura! A fé, o entendimento, a consciência, tudo clama, tudo grita contra essa impiedade. Com tudo isso, diante de nós se intenta essa causa; no tribunal de nosso coração se litiga esse pleito, e em geral damos a sentença contra Deus.

Senhor, Senhor, quão ingratos somos! Mas quão grande é a vossa infinita bondade em suportar a minha iniquidade e a minha malícia! Mil vezes vos pospus às criaturas; milhares de vezes eu mesmo me preferi a vós. Confesso minha maldade, detesto-a, abomino-a. De hoje em diante nenhuma coisa vos disputará o lugar em meu coração; não vos farei o agravo de admitir outra concorrência. Penas, ternuras, perda de bens, complacências, interesses, tudo sacrificarei à vossa vontade, até a minha própria vida. Vós sois o Deus de meu coração, e meu coração será, desde este ponto, segundo o coração de Deus. Amém.

Jaculatórias

> *Omnia ossa mea dicent: Domine, quis similis tibi?* Sl 34.

Meu coração, meu espírito, minha alma, até os meus próprios ossos, de hoje em diante dirão em sua linguagem: Ah, Senhor! Quem é semelhante a vós?

> *Quid mihi est in cælo, et a te quid volui super terram?* Sl 72.

Que posso eu desejar no céu ou na terra fora de vós, meu Deus?

Propósitos

Em todo tempo deve Deus ser preferido a todas as coisas, mas com especialidade no domingo. Este é o dia do Senhor, que isso quer dizer *Dies Dominica*. Pois que impiedade será fazer do dia do Senhor dia de diversão ou de negócios! E que delito preferir, em semelhante dia, os interesses temporais aos deveres da religião! Assiste hoje aos divinos ofícios e à missa solene com piedade e com edificação, sem que te estorve nenhum embaraço, nenhum negócio que possa sobrevir, respondendo que primeiro é Deus que tudo; e em todas as ocasiões que ocorrerem neste dia,

porta-te de maneira que visivelmente seja Deus preferido e servido antes que todos.

Toma meia hora de tempo para examinar seriamente em que coisas tens dado até aqui mais frequentemente a preferência às criaturas, com prejuízo do Criador; quantas vezes deixaste a Deus pelos homens; quantas vezes um interesse temporal, uma vã diversão, um respeito humano, uma covarde condescendência te impediram de cumprir as obrigações de cristão. Tem tudo presente para acusar-te disso na primeira confissão, e sirva-te isso mesmo de matéria de meditação nesta noite, para que, verdadeiramente arrependido de tua covardia e de tua passada infidelidade, peças perdão a Jesus Cristo, prometendo-lhe que daqui em diante, com o socorro de sua divina graça, o preferirás a tudo o que foi criado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:38 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:38 by Admin